

**CURADO, ANA LÚCIA. MULHERES EM ATENAS.
AS MULHERES LEGÍTIMAS E AS OUTRAS. LISBOA:
SÁ DA COSTA EDITORA, 2008 (551 p.).
ISBN: 978 -972-562 -368-8.**

Priscilla Gontijo Leite*
Universidade de Coimbra

O livro *Mulheres em Atenas* é a adaptação da tese de doutorado de Ana Lúcia Curado defendida na Universidade de Coimbra. A autora pretende que a obra alcance um público interessado pelas questões de gênero, mormente pela situação da mulher nas diferentes sociedades ao longo do tempo, embora não necessariamente um público constituído por helenistas ou classicistas. Para isso, ela retira os textos gregos originais, mantendo transliterados somente os termos mais importantes para a análise; o formato incide inclusive no uso parcimonioso das notas de rodapé, visando à facilitação e à fluidez da leitura. Ana Lúcia Curado, com esses recursos, consegue fazer um livro acessível, voltado para diferentes interesses e que também logra prender a atenção dos especialistas em Grécia Clássica. Pela indicação e utilização de numerosas fontes e pela análise minuciosa dos casos presentes nos discursos forenses, a autora atinge um patamar de erudição bastante elevado.

Para entender a situação da mulher no período clássico, que é marcada pelos ideais de beleza e de devoção ao lar, como bem demonstram as personagens homéricas Helena e Penélope, Curado recorre a 106 discursos jurídicos de diferentes oradores presentes no “cânone dos dez oradores áticos”. Essas fontes, das quais não havia registro de traduções diretas do grego para o português, revelam vários aspectos da vida cotidiana da Grécia antiga, entre eles, por exemplo, a recusa, para as mulheres, do direito de pleitear ações jurídicas por causa

* priscillagontijo@gmail.com

do seu estatuto. Os 106 discursos contêm inúmeras referências às mulheres que, por seu turno, desempenham um papel importante principalmente no que se refere às disputas sucessórias.

O prefácio da obra foi escrito por Maria Helena da Rocha Pereira, que orientou Ana Lúcia Curado durante o doutorado. O livro é dividido em duas partes. A opção de separar a investigação em dois eixos já é apresentada no próprio subtítulo do livro: *As mulheres legítimas e as Outras*. Isso também já denota a situação da mulher da Atenas Clássica: possuía a cidadania e se casava para gerar novos cidadãos e, por isso, deveria seguir determinados comportamentos ditados pela *pólis*: ser recatada, administrar bem o lar, participar dos festivais religiosos. Já as *outras* (hetairas, concubinas e prostitutas) não estavam presas às mesmas amarras comportamentais e por isso tinham um trânsito mais livre pela cidade, possuindo, contudo, uma condição social mais frágil, sendo constante o risco do abandono econômico.

A organização interna dos capítulos segue uma mesma ordem. Primeiramente, apresenta-se uma exposição teórica sobre o tema abordado no capítulo, destacando-se as relações com os capítulos antecedentes e posteriores e o pensamento de especialistas sobre o tema. Depois, na segunda parte do capítulo, vem o estudo de caso, que consiste em um discurso forense apresentado de maneira mais aprofundada. Há capítulos que, devido à extensão do tema, apresentam mais de um discurso no estudo de caso. A medida resulta em análises interessantes para aqueles que se dedicam à pesquisa da retórica, pois demonstra de que maneira a representação da mulher pelo orador é um elemento importante na estratégia persuasiva, dando mais suporte para a ideia de que os argumentos elaborados pelos oradores eram escolhidos cuidadosamente.

A primeira parte do livro, intitulada *Relações conjugais*, trata das mulheres legítimas, abordando assuntos ligados diretamente à vida familiar, que se inicia com o casamento da mulher e do homem com estatuto de cidadãos. Por isso, o primeiro capítulo discorre a respeito das negociações para o casamento e os mecanismos instituídos pela cidade para sua legitimação.

Já o segundo capítulo desenvolve-se em torno do dote, imprescindível para a realização do matrimônio, já que, quanto melhor o dote, maior o poder de barganha nas negociações do casamento. A autora comprova, pela análise dos discursos, que o dote se fazia igualmente importante para evitar a dissolução das uniões por vontade do homem, uma vez que, com o divórcio, ele deveria devolver tudo o que sua esposa havia levado consigo (com exceção dos casos em que a

mulher cometia adultério). A morte de um dos cônjuges e a perda dos direitos civis também levavam à restituição do dote. Dessa forma, o dote constitui elemento decisivo do patrimônio familiar e se torna alvo de disputas entre parentes, como exemplificam os casos de Onetor e Áfobo e de Beoto e Mantiteu, presentes nos discursos de Demóstenes de número 30 e 31; 39 e 40 respectivamente.

O terceiro capítulo aborda especificamente o casamento como norma da vida social e seu papel de destaque dentro do *oikos* para a preservação e a manutenção dos costumes. Assim, ao se tornar esposa legítima, a mulher valoriza-se no seio da sociedade (p. 99). O quarto capítulo trata do segundo casamento, que pode ter motivações diversas, tais como a morte de algum dos cônjuges, o divórcio e a falta de filhos, já que ter descendentes era o aspecto essencial da união legal e levava a uma mudança da mulher dentro do *oikos*. Eufileto, no discurso de Lísias, *Sobre o assassinato de Eratóstenes*, afirma que passou a confiar mais na mulher depois do nascimento do primeiro filho. Neste capítulo, a autora se detém na análise do discurso de Antifonte *Acusação contra a madrastra por envenenamento*. O pai do orador contraiu segundas núpcias e estava pensando na separação. O amigo do pai, que possuía uma concubina, também pensava em entregá-la a uma casa de prostituição. O medo do abandono faz com que essas duas mulheres se unam e comecem a tramar contra os companheiros. Elas ministram uma “poção do amor” que tinha o intuito de reacender a paixão deles, mas que acaba por matar os dois homens.

O capítulo seguinte trata da *epiclera*, a mulher que se encontra na situação de herdeira universal dos bens de sua família e que, ainda assim, deveria submeter-se a um *kýrios* para administrar seu patrimônio. Isso acontecia por meio do casamento ou, se ela era menor de idade, através da instituição de um tutor. Em torno da *epiclera*, havia intensas disputas pela herança, como os discursos de Iseu *Sobre a herança de Cleónimo* e *Sobre a herança de Filoctémon* comprovam.

No sexto capítulo a autora se aprofunda nos deveres e obrigações das mulheres, demonstrando que, num casamento, a sociedade ateniense esperava que “[a] mulher legítima lhe desse filhos, se ocupasse deles enquanto crianças e que se tornasse intendente do *oikos*, gerindo com ordem e parcimônia a casa da família” (p. 186).

O divórcio é o tema central do capítulo sete, que é mais breve em relação aos demais, visto que vários pontos foram expostos anteriormente. O tema do próximo capítulo são as heranças. Caso não houvesse herdeiros legítimos, o *kýrios* poderia recorrer à adoção. Com isso, o adotando passa a ter os mesmo direitos de um filho legítimo. O

questionamento da adoção é um dos pontos centrais nos discursos de Iseu e essas disputas são analisadas no livro, observando o papel desempenhado pela mulher.

O último capítulo da primeira parte analisa o silêncio para entender o feminino. O silêncio e o recato eram qualidades valorizadas nas mulheres. Quando seus nomes eram pronunciados no tribunal, era clara a intenção do orador de desmerecê-las. A autora se volta, então, para o que não foi dito nos discursos, para entender a posição da mulher dentro dessa sociedade. Esse capítulo, portanto, se constitui como uma análise do feminino através da ótica masculina, enfatizando como o silêncio é revelador.

A segunda parte, *Relações extraconjugais*, inicia-se com um capítulo intitulado *O poder da beleza*, em que os discursos de Isócrates e de Górgias sobre Helena são analisados. A beleza de Helena é tão grande que é capaz de influenciar o comportamento dos homens. Ela é também um símbolo das violações do casamento. O próximo capítulo aborda o adultério e o caso emblemático de Eufileto, o qual matou o amante de sua mulher, Erastótenes, que se encontrava com ela na casa da família e na presença do marido. A relação entre os amantes começou depois da morte da mãe de Eufileto, indicativo que de esta mantinha uma forte vigilância sobre a nora. Tornando-se a verdadeira dona da casa, a mulher usou sua serva pessoal para enviar bilhetes ao amante e para acobertar seus encontros amorosos.

É somente no terceiro capítulo desta parte que se tem o estudo das *outras*, as mulheres não legítimas. Ana Lúcia Curado analisa o papel desempenhado pelas categorias da *hetaira*, da *pallaké* (concubina) e da *porné* (prostituta) para a vida social dos homens em Atenas, pois “o bem-estar de um homem ateniense implicava na existência das *outras*” (p. 369). Elas possuíam maior liberdade que as mulheres legítimas e circulavam pela cidade, participando dos banquetes. A elas era permitido esse tipo de prazer.

O próximo capítulo se dedica inteiramente ao estudo de um caso particular de uma hetaira, Neera, apresentado no discurso *Contra Neera*, presente no *corpus Demosthenicum* cuja autoria é atribuída a Apolodoro. Esse é o único discurso que possuímos que se dirige a uma mulher, já demarcando sua singularidade. Rico em detalhes biográficos de Neera e de sua filha Fano, com destaque para os supostos golpes aplicados por ela e suas ofensas contra a cidade, como, por exemplo, a participação indevida nos cultos religiosos da cidade, o texto é um manancial de informações sobre a situação feminina na Grécia clássica.

Enfim, o último capítulo dessa parte também se volta para a um estudo de caso, que contém uma atitude censurável como a de Neera. Timarco, alvo dos ataques de Ésquines em *Contra Timarco*, tem um comportamento libidinoso. A justificativa para incluir o caso de Timarco em um livro sobre mulheres é que o relacionamento homossexual é descrito como extraconjugal; a esposa legítima é preterida em razão do amante (p. 461). É a partir da ótica do adúltero que se desenvolve a análise de Ana Lúcia Curado, que apresenta o caso como representativo de uma ameaça para a estruturação do *oïkos*. Esse ponto é explorado por Ésquines para caracterizar Timarco como culpado de dilapidação do patrimônio e de prostituição e inculpá-lo por isso, atribuindo-lhe a pena de participar da vida política da cidade. Assim, a argumentação de Ésquines se desenvolve a partir de um paralelismo entre o adultério feminino e a prostituição masculina (p. 492).

Mulheres em Atenas retira o silêncio postulado (e até mesmo imposto) às mulheres da Grécia clássica e auxilia o leitor moderno a desvendar esse cotidiano tão distante do nosso, mas que ao mesmo tempo se apresenta próximo da mulher moderna: o dever de cuidar da família, que por vezes se dá por meio de comportamentos previstos e esperados pela sociedade, o impacto da beleza nas suas vidas, a relação entre o espaço público e privado, uma busca pela participação política efetiva (apesar de, no Brasil, o cargo máximo do Executivo ser ocupado por uma mulher, ainda é pequeno o número de mulheres nos poderes Legislativo e Judiciário), o medo do abandono, a importância do casamento e o seu papel na educação dos filhos. Assim, o livro, através de uma viagem ao passado, faz-nos refletir sobre o que a sociedade esperava (e ainda espera) da mulher; como essa sociedade a via e a vê, quais eram e são seus maiores medos e anseios.